

UM MOTIM E UMA POLÊMICA:

A Propósito da "Bernarda" de Francisco Inácio

Nanci Leonzo*

Por iniciativa de Antonio de Toledo Piza, segundo diretor da Repartição da Estatística e do Arquivo do Estado, teve início, em abril de 1894, a publicação da série *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, em cujo primeiro volume veio à luz um manuscrito intitulado "O Governo Provisório e a 'Bernarda'", de autoria de Paulo Antonio do Valle (1824-1886), lente de Retórica do curso anexo à Academia de Direito de São Paulo¹, de posse de Lafaiete de Toledo, historiador e Intendente municipal de Casa Branca².

Toledo Piza, todavia, não se limitou a divulgar o escrito, anotou-o e cuidou, assim, de anexar ao texto de Paulo Antonio do Valle documentos que, em sua opinião, contribuíam para o esclarecimento do assunto, documentos esses, uns extraídos de obras já conhecidas, outros, inéditos e pertencentes ao acervo do Arquivo do Estado. E, na oportunidade, procurou pronunciar-se sobre a "bernarda" paulista.

Um folheto anônimo, editado pela Imprensa Régia, em 1821, intitulado "Dialogo Político, e Instructivo, entre os dous homens da Roça, Andre Rapozo, e seu Compadre Bolonio Simplicio, à cerca da Bernarda do Rio de Janeiro, e novidades da mesma", define a expressão "bernarda" como "novidades e mudanças que se fazem no Rocio, juntando-se as Tropas e o Povo"³.

Tobias Monteiro, na *História do Império - A Elaboração da Independência* oferece-nos, todavia, uma explicação mais ampla sobre o denominado "parto da bernarda", ou simplesmente "bernarda". Era este o nome dado pelas tropas portuguesas aos pronunciamentos re-

*Professora Assistente Doutora da FFLCH-USP.

¹ Nogueira, José Luis de Almeida - *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências*. São Paulo, Saraiva, 1977, vol. 3, pp. 74-75.

² Amaral, Antonio Barreto do - *O Departamento do Arquivo do Estado e a sua história*. São Paulo, Depto. do Arquivo do Estado/Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1974, pp. 54-55.

³ Instituto de Estudos Brasileiros-USP, Códice 2, 6, 37.

sultantes de conspirações militares. Com o tempo, completa o historiador, a expressão "bernarda" com *b* minúsculo generalizou-se e passou a significar qualquer movimento político promovido pelas armas ⁴.

À "bernarda" ocorrida em 23 de maio de 1822, na cidade de São Paulo, precederam duas "bernardas" irrompidas no Rio de Janeiro, uma a 26 de fevereiro e outra, a 5 de junho de 1821, levadas a efeito pela Divisão Auxiliadora Portuguesa, com a finalidade de, em primeiro lugar, exigir o juramento, no Brasil, da Constituição a ser elaborada em Portugal pelas Cortes e, em segundo, obter do Príncipe Regente D. Pedro manifestação de fidelidade às Bases constitucionais recentemente chegadas de Portugal.

Propósito diverso assumiu a "bernarda" de São Paulo. À custa da deposição de dois membros do Governo Provisório, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Manoel Rodrigues Jordão, decidiram, seus cabeças impedir que o Presidente do mesmo Governo, João Carlos Augusto de Oeynhausen, e o Ouvidor da Comarca de São Paulo, José da Costa Carvalho, deixassem seus cargos e partissem para o Rio de Janeiro, em obediência ao Ministro José Bonifácio que, em nome do Príncipe, os chamava à Corte.

O relato de Paulo Antonio do Valle sobre os acontecimentos que abalaram a Província de São Paulo, em maio de 1822, é resumido e parcial. Enquanto retrata Martim Francisco como patriota e verdadeiro "martyr de civismo", seus opositores, no seio do Governo Provisório, Oeynhausen e o Coronel de Milícias Francisco Inácio de Sousa Queiroz, são apontados como intrigantes e demagogos.

A revolta militar ocorrida em Santos, a 28 de junho de 1821, é que teria proporcionado a Francisco Inácio "meios fáceis de conjurar os Paulistas contra Martim Francisco". Com a convocação, à Corte, de Oeynhausen e de Costa Carvalho, "superiores, iguaes, subaltemos, amigos e inimigos" haviam sido "aliciados, seduzidos, intimidados e ameaçados" a fim de se manifestarem contra aquele ato do Governo. Os sediciosos, para justificar o motim, exibiram uma "diatribe" escrita contra Martim Francisco, "que o povo e a tropa foram assinando", uns por capricho, outros vencidos pela força das circunstâncias, e todos sem crenças e opiniões formadas sobre os factos nella exarados".

A devassa promovida nos meses de setembro e outubro de 1822, em que prestaram depoimento os "mais conspicuos cidadãos", encarregara-se, segundo, ainda, Paulo Antonio do Valle, de comprovar a inocência de Martim Francisco, membro atuante do "nascente partido brasileiro", e a culpabilidade de Oeynhausen, Costa Carvalho e Francisco Inácio ⁵.

Toledo Piza endossou o relato de Paulo Antonio do Valle. Atribuiu ao motim o caráter de uma "conspiração" tramada pelos membros do partido "português ou retrogado". Os soldados brasileiros integrados ao 1.º batalhão de caçadores saquearam a vila de Santos, justificou, em razão dos "máus tratos" e da "uzura" do governo colonial.

Os "conspiradores" atraíram o "ódio popular" contra os irmãos Andrada, pelo "talento e caracter" os membros mais influentes do Governo, imputando, indevidamente, a Martim Francisco a execução, em praça pública, de um dos chefes dos revoltosos santistas, conhecido pelo apelido de Chaguinhas.

O governo "anarchico" instalado a 23 de maio de 1822, entendeu Toledo Piza, fora dissolvido por não se ter acomodado às exigências das "idéias liberais que dominavam a opinião publica". A "bernarda", concluiu, fora esmagada porque representava "uma tendencia para a volta ao antigo regimen e porque o elemento brasileiro preponderava nos Conselhos da Corôa".

Para reforçar seus argumentos, procurou, ainda, relacionar os membros do partido "português" e os do partido "liberal ou paulista", acompanhando alguns deles, em sua trajetória política, nos anos posteriores à Independência.

⁴ Monteiro, Tobias - *História do Império - A Elaboração da Independência*. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., 1927, p. 411.

⁵ *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, vol. I, pp. 5-15.

Qualificando Martin Francisco e o Brigadeiro Jordão como "homens de acção e representantes genuínos dos sentimentos paulistas" finalizou este comentário sobre a "bernarda" paulista ⁶.

Paulo Antonio do Valle e, principalmente, Antonio de Toledo Piza foram de imediato contestados.

Um cidadão, oculto sob as iniciais E.R., utilizando-se do periódico *O Comercio de São Paulo*, dirigiu-se de forma crítica a Toledo Piza, dando, assim, início ao debate ⁷.

Estevão Ribeiro de Sousa Rezende, Barão de Rezende (1840-1909), o E.R. das colunas do *O Comercio de São Paulo*, era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Academia de São Paulo. Dedicava-se à política e às atividades agrícolas de grande porte ⁸. Apreciava os "estudos históricos" ⁹. E mais. Era parente próximo do Coronel Francisco Inácio de Sousa Queiroz.

A controvérsia teve início, ao que tudo indica, no segundo semestre de 1901 e se prolongou até o ano seguinte. Cada um dos polemistas manifestou-se quatro vezes.

Ignorou, Rezende, já no seu primeiro artigo sobre a "bernarda" paulista, a narrativa de Paulo Antonio do Valle, um "energimento" e não um "historiador", em sua opinião. Era de admirar, comentou, que uma publicação oficial acolhesse, logo nas suas primeiras páginas, tão "apaixonada exposição".

Apreciações minuciosas mereciam, contudo, algumas afirmações de Antonio de Toledo Piza, entre as quais, a da existência, em São Paulo, no ano de 1822, de dois partidos políticos e a de que a deposição de Martin Francisco fora, justamente, ato de um destes partidos políticos, isto é, o "português e retrogado" ¹⁰.

Estas duas questões estiveram presentes, de maneira implícita ou explícita, em todos os artigos pertinentes ao debate. Suscitaram discussões sobre diversos temas relacionados com os acontecimentos de 23 de maio de 1822, em São Paulo, como o episódio do enforcamento do Chaguinhas, o grau de envolvimento no motim de Francisco Inácio, o "patriotismo" de Oeynhausen e o desempenho político dos Andradas antes e depois da Independência.

Rezende, naturalmente, ao mesmo tempo em que se preocupou em refutá-las, procurou reabilitar a figura de seu ilustre antecessor. Para tanto serviu-se da "descrição viciada" da "bernarda" contida nos *Apontamentos Historicos* de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (1ª ed., Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1879) e de obras como a *História do Brazil* de John Armitaga (1ª ed., Rio de Janeiro, 1837) e a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* de Pereira da Silva (1ª ed., Rio de Janeiro, 1864-1868. 7 vols.). Dois depoimentos foram, para ele, valiosos: o de Diogo Antonio Feijó (quando Ministro da Justiça, na Câmara dos Deputados, em 1832) e o de Evaristo Ferreira da Veiga (no periódico *Aurora Fluminense*, em particular, no exemplar que circulou em 30 de dezembro de 1831), ambos, como é notório, desfavoráveis aos Andradas.

Antonio de Toledo Piza, para reafirmar suas convicções, optou pelo ataque pessoal ao Barão de Rezende, seu velho conhecido, o qual, cerca de vinte anos antes, publicara os *Estudos Historico-Políticos* eivados de opiniões contrárias aos Andradas ¹¹.

⁶ D.I., vol. I, pp. 17-30.

⁷ O debate foi transcrito na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. VII (1902), pp. 1-144.

⁸ Nogueira, José Luis de Almeida - *Op. cit.*, vol. 5, pp. 273-275.

⁹ E.R. - "A bernarda de Francisco Inácio". R.I.H.G.S.P., vol. VII, (1902), p. 87.

¹⁰ *Idem*, pp. 1-20.

¹¹ Rezende, Estevão Ribeiro de Sousa - *Estudos Historicos-Políticos*. 1ª, 2ª e 3ª séries: As Reformas Constitucionaes; 4ª série: Preliminares da nossa Independência política; 5ª série: Aclamação do Senhor Dom Pedro I, Imperador do Brasil. O ministério de 1822-1823 e a política dos Andradas; 6ª série: Os Andradas. São Paulo, Typ. Correio Paulistano, 1879-1880.

Desse "livro de combate" destituído de "informações históricas úteis para imparcial historiador" ¹² extraiu Toledo Piza diversos documentos, a fim de alimentar o debate. Deveu-se, porém, na análise de alguns, como por exemplo, as cartas dirigidas pelo Coronel Francisco Inácio de Sousa Queiroz ao seu concunhado Estevão de Rezende, Marquês de Valença.

Ao contrário do Barão de Rezende, deu preferência, em suas abordagens, às obras elaboradas por "cronistas" locais. Entre eles lembramos os já citados Paulo Antonio do Valle e Azevedo Marques e, ainda, Machado de Oliveira (*Quadro Histórico da Província de São Paulo. Para uso das escolas de instrução pública oferecido à Assembléa Provincial*. São Paulo, 1864) e Américo Brasiliense (*Lições de História Pátria*. São Paulo, 1876). Nestes autores encontrou relatos que reforçavam, com perfeição, sua versão da "bernarda" paulista.

Ao fundamentarem seus pontos de vista sobre os acontecimentos de 23 de maio de 1822, em São Paulo, revelaram os polemistas algumas preocupações metodológicas.

Para melhor apreciação do debate e de sua repercussão junto aos historiadores que se dedicaram, nos anos posteriores, ao estudo deste curioso motim, cuidamos de examiná-las.

A proposta metodológica de Estevão de Rezende é tímida e vaga. Ele busca a "verdade histórica". Para atingi-la é necessário que o historiador mantenha o "ânimo desprevenido". As "paixões", explicou, "são sempre prejudiciais à verdade" ¹³.

O desejo de elaborar um trabalho histórico imparcial aparece, também, em Toledo Piza, acrescido, porém, de uma prática: a crítica interna e externa de documentos.

Assim, enquanto Estevão de Rezende se aproxima das confusas concepções da História e do papel do historiador, expressa em biografias, memórias e pareceres de prestigiados membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Toledo Piza se identifica, no seu procedimento metodológico, com as diretrizes do movimento historiográfico europeu da segunda metade do século XIX.

Acreditamos que à consciente opção pelo método erudito ou empírico que, ao tempo, deu consistência aos seus argumentos, deve Antonio de Toledo Piza a plena e imediata aceitação, por parte dos estudiosos ¹⁴, de sua unilateral interpretação da "bernarda" de Francisco Inácio.

Toledo Piza faleceu em 1905, vitorioso.

Passaram-se alguns anos até que historiadores como Affonso de Taunay ¹⁵, Sergio Buarque de Holanda ¹⁶ e Carlos Oberacker ¹⁷ sugerissem, com seus trabalhos, a reinterpretção do motim.

Com isto a polémica entre Estevão Ribeiro de Sousa Rezende e Antonio de Toledo Piza assumiu sua verdadeira identidade: a de importante subsídio para a história e a historiografia paulistas.

¹² A.T.P. - "A bernarda de Francisco Inacio". R.I.H.G.S.P., vol. VII (1902), p. 96.

¹³ E.R. - "A bernarda de Francisco Inacio". R.I.H.G.S.P., vol. VII (1902), p. 53.

¹⁴ Ver, por exemplo, a abordagem da "bernarda" de Francisco Inácio apresentada por João Marcondes de Moura Romeiro no 1º Congresso de História Nacional realizado no Rio de Janeiro em 1915. Ela foi publicada na R.I.H.G.B., tomo esp., vol. I, pp. 1435-1455.

¹⁵ Taunay, Affonso de - *História da Cidade de São Paulo sob o Império*. vol. IV (1822-1831). São Paulo. Divisão do Arquivo Histórico, 1956. (Coleção Depto. de Cultura).

¹⁶ Holanda, Sergio Buarque de - "São Paulo". Em: *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª ed., Tomo II, vol. 2, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, pp. 414-472.

¹⁷ Oberacker, Carlos H. - *O Movimento Autonomista no Brasil*. Lisboa, Ed. Cosmos, 1976.